

JOSÉ VERÍSSIMO: A CRÍTICA COMO ESPAÇO DE DIÁLOGO INTERAMERICANO

Rachel Bertol Domingues (UFRJ)¹

Na inauguração de nova loja da tradicional livraria Garnier, em 19 de janeiro de 1901, no endereço nobre da Rua do Ouvidor 71, no Rio de Janeiro, distribuiu-se a cada um dos convidados, entre eles jornalistas, escritores, gente de sociedade e o cônsul francês, um livro de Machado de Assis autografado pelo autor. A livraria, instalada no Brasil desde 1844, era no início do século passado um dos mais requisitados endereços da intelectualidade da capital.

Todos os dias, por volta das quatro da tarde, costumam chegar à livraria os escritores e, na vez de Machado, ‘derrubam-se chapéus, arqueiam-se espinhaços’ (MACHADO, Ubiratan, 2013, p. 146). Em torno do autor de *Dom Casmurro*, em sua mesa cativa, reúne-se a “elite da literatura brasileira” (idem), cujo primeiro nome citado por Ubiratan Machado, em sua monumental história das livrarias cariocas, é o José Veríssimo², grande amigo do escritor. Também compõem a roda Graça Aranha, Rodrigo Otávio, Coelho Neto, Mário de Alencar, Olavo Bilac...

O grupo mais irreverente que frequentava a livraria era o dos simbolistas. Vão à Garnier com o intuito de “hostilizar os escritores mais velhos” (idem, p. 147). Para chamar a atenção, ostentam “enormes chapéus de palha ou feltro sobre a farta

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Realizou Doutorado-Sanduiche na Universidade de Princeton (setembro 2014 a fevereiro 2015). É pesquisadora do Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação (Nepcom-UFRJ), atuando no projeto Memória do Jornalismo Brasileiro.

² José Veríssimo (1857-1916) é natural de Óbidos, no Pará. Antes de se mudar para o Rio de Janeiro, em 1891, ele iniciou sua carreira em Belém, onde foi colaborador da imprensa local, um dos fundadores da *Revista Amazônica* e lançou seus primeiros livros. Sua principal obra do período é *A educação nacional* (1890).

cabeleira”. Querem escandalizar. Machado de Assis e Bilac são seus alvos preferidos. Quando veem Veríssimo, não perdoam:

- Olha a besta do José Veríssimo rindo – diz um.
- Será de nós? Está em companhia da cavalgadura do Taunay – responde o outro. (MACHADO, 2013, idem)

Veríssimo quem sabe estivesse rindo, de fato, dos excêntricos simbolistas... Em suas críticas, não escondia suas restrições ao movimento, inclusive em suas vertentes internacionais. Em apreciação da antologia *La joven literatura hispano-americana* (Paris, editora Armand Colin, de 1906), organizada pelo argentino Manuel Ugarte (1875-1951), com prosadores e poetas, o crítico brasileiro faz ressalvas à afirmação do “distinto escritor argentino (...) espírito livre e independente” (VERÍSSIMO, 1986, p. 76), de que “a aparição do simbolismo e do decadentismo é o acontecimento mais notável e de certo modo mais feliz da história literária da América do Sul” (p. 77). Para Ugarte, o surgimento desses dois movimentos “é o ponto que marca a nossa completa anexação cultural à Europa. É a verdadeira origem da nossa literatura” (p. 77).

Em suas objeções, Veríssimo, porém, destaca o *parti-pris* de Ugarte à camaradagem literária e aos preconceitos de escola. Se concorda com o quadro evolutivo que faz o argentino das literaturas hispano-americanas – observando que no Brasil houve algo semelhante – diz não concordar “que fosse tão somenos, como de seu prefácio se poderia deduzir, o influxo do Romantismo nessas literaturas incipientes” (p. 78). “Do mesmo modo não compreendo”, continua Veríssimo, “que veja um fato de autonomia na ‘nossa completa anexação intelectual à Europa’” (p. 79). O Romantismo, reitera o brasileiro,

foi o mais largo, o mais profundo, o mais compreensivo movimento não só literário ou estético, mas intelectual do mundo moderno. (...) Não se entende que ele não tenha tido no pensamento ainda amorfo dos hispano-americanos a influência grande que teve em povos de espírito feito, e que teve em grau incomparável no Brasil (idem).

Simbolismo e decadentismo “não foram senão a aberração” desse movimento. Destacando como acerto a escolha de Ruben Darío na seleção, não deixa Veríssimo,

ainda, de lançar certa ironia à antologia pelo fato de reunir autores hispano-americanos (inclusive o próprio Darío) que como tal possuem apenas o sangue e escrevem da Europa, muitos dos “cenáculos do *quartier latin*”.

Ora, alguns anos depois, em artigo de 18 de janeiro de 1913, intitulado *As duas Américas*, publicado n’ *O Imparcial*, o mesmo Manuel Ugarte é motivo de um entusiasmado texto de Veríssimo. No jornal de Eduardo Macedo Soares³, veículo que se inclui entre os opositoristas ao governo do presidente Hermes da Fonseca, e do qual é dos mais destacados colaboradores, Veríssimo trata da série de conferências sobre o futuro da América Latina realizadas pelo argentino na Universidade de Colúmbia e outras universidades nos EUA, inclusive em banquetes como o que lhe foi oferecido pelo diplomata brasileiro Oliveira Lima, que morava em Washington.

Veríssimo elogiou a franqueza com que Ugarte falou aos norte-americanos, com duras críticas à doutrina Monroe, que, nas palavras do argentino, “a princípio salvaguarda de toda a América, converteu-se em instrumento de tirania, e que não significa mais que nenhum país deve ter colônias na América mas que ‘a América Latina é a nossa colônia’” (p. 40). Ugarte criticou a separação do Panamá da Colômbia e reiterou que o

preconceito americano, resultando na tentativa de anular as nacionalidades latinas da América, cria entre as duas [Américas, a latina e a anglo-saxônica] uma atmosfera de antagonismo e repulsão (idem). “Nós temos talvez, disse-lhes ele, algumas gotas de sangue misturado nas nossas veias, mas não nos consideramos por isso rebaixados na escala da humanidade”.

Sendo franco com os norte-americanos, e não dado a “rapapés” que Veríssimo critica duramente nos brasileiros nas suas relações com os EUA, mesmo assim Ugarte arrancou aplausos e foi muito bem recebido. Citando fontes “insuspeitas” (ao estilo jornalístico), Veríssimo conta que Ugarte teria sido repreendido pelo embaixador do

³ Macedo Soares funda *O Imparcial* em 1912. O jornal integra o grupo opositorista da imprensa brasileira na época, em que se incluem veículos como *Correio da Manhã*, de Edmundo Bittencourt, e *A Noite*, de Irineu Marinho. Macedo Soares é pai da urbanista Lota Macedo Soares, que viria a ser a companheira brasileira da poeta Elisabeth Bishop.

Brasil em Washington, Domício da Gama, que condenou sua “descortesia internacional” (p. 39). Na opinião do crítico brasileiro, porém, “não é talvez mau que estas corajosas palavras sejam ouvidas por outros ouvidos que hispano-americanos” (p. 41). O crítico elogia muito Ugarte, “escritor e publicista dos mais estimados do seu país, um daqueles latino-americanos, de quem eu falava aqui outro dia, trabalham afincadamente para fazerem prezadas e conhecidas no mundo as nações latino-americanas” (p. 40).

Essa mirada dupla de Ugarte – entre a condenação de suas visões estéticas e o elogio de seu posicionamento político – bem poderia corresponder à imagem que o crítico João Alexandre Barbosa⁴ cunhou “de um Janus de dupla face” a respeito da linguagem crítica de José Veríssimo.

Por um lado, é o escritor voltado para a criação literária enquanto objeto resultante de uma cristalização de experiências fincadas no passado (daí o seu tradicionalismo, a incompreensão para com os ‘novos’, o seu romantismo garrettiano *après la lettre*); por outro lado, todavia, é o inquisidor atento da vida política, social e econômica do país (daí os seus interesses latino-americanos, a retomada de suas preocupações pedagógicas, as reflexões renovadas em tom reivindicatório e acusador acerca da Amazônia). (BARBOSA, 1974, p. 155-156)

Seu interesse pelas questões latino-americanas se expressa numa militância constante que realiza na imprensa da capital, para onde se mudou em 1891, quando deixa Belém, no Pará, seu estado natal (por isso seu interesse pela Amazônia), até quase o fim de sua vida, em 1916. Com seus textos sobre autores hispano-americanos e sobre política na região, Veríssimo integra uma geração que, em meio aos debates sobre nacionalismo, inicia discussões sobre quais os sentidos de uma possível fraternidade hispano-americana ou, como prefere o crítico, uma “fraternidade latino-americana” (VERISSIMO, 1986, p. 20). Trata-se de debates atravessados pelo jogo de forças entre os países do continente americano, envolvendo os Estados Unidos, sua doutrina

⁴ Barbosa defendeu em 1970, na Universidade de São Paulo (USP), a primeira tese de teoria literária no Brasil, sob orientação de Antonio Candido, justamente a respeito da obra de J. Veríssimo.

Monroe e os ideais pan-americanistas, e de outro as ambições políticas dos próprios países latino-americanos.

O despertar

Desde a *Educação Nacional* (1890), livro de grande repercussão na época e que, segundo Antonio Candido, trazia ideias que somente décadas depois viriam a ser adotadas (in BARBOSA, apud Candido, 1974, p. 61), Veríssimo já tinha preocupações sobre o predomínio dos Estados Unidos nas Américas. O crítico dedica na obra muitas páginas à análise do modelo norte-americano, com ressalvas – ele temia, na República recém-criada, a cópia acrítica do modelo norte-americano. Sobre os EUA, afirma: “Essa civilização sobretudo material, comercial, arrogante e reclamista, não a nego grande; *admiro-a, mas não a estimo*” (VERÍSSIMO, 1906, p. 177).

De acordo com Alexandre Barbosa, autores como Franco (*The modern culture of Latin America*, 1970) e Retamar (*Caliban: apuntes sobre la cultura de nuestra America*, 1973) – “para ficar em apenas dois”, afirma ele – chamam a atenção para a coincidência entre a frase grifada e a que se encontra em *Ariel*, do uruguaio José Enrique Rodó, a respeito dos EUA: “Su grandeza titânica se impone así; aun a los más prevenidos por las enormes desproporciones de su carácter o por las violencias recientes de su historia. Y por mi parte, ya véis que, aunque nos les amo, les admiro.”

Enquanto outros autores no Brasil tratavam da questão latino-americana por meio de ensaios sócio-políticos, Veríssimo fazia tal ponte sobretudo pela análise das obras literárias (o que indica uma intrincada rede de relações e trocas de informação para que conseguisse se manter sempre atualizado sobre os mais importantes lançamentos). A visão crítica de Veríssimo sobre a situação da América Latina, de acordo com Barbosa, coincide com

uma atitude em relação aos Estados Unidos que não era isolada e cujo precursor talvez seja, como sugerem Franco e Retamar, o brasileiro Sousândrade em seu poema “O guesa errante”, de 1877, no canto VIII, batizado de “O inferno de Wall Street” por seus descobridores, Augusto e Haroldo de Campos, a quem Jean Franco, em nota de rodapé, acrescenta o nome do cubano José Martí (p. 9).

Desse modo, esboça-se uma genealogia das ideias que circulavam na época. Deve-se observar que formar uma ideia do conjunto do trabalho de Veríssimo é tarefa difícil por sua atuação ter ocorrido sobretudo na imprensa, de forma fragmentária, ao longo de muitos anos e em muitos veículos. Embora tenha reunido muitos textos em livro ainda em vida, estes não chegam à metade do que escreveu em diferentes jornais da capital.

Autores como Broca (1956) observam que Veríssimo, amigo fiel de Machado e cuja linguagem crítica se modificou diante do impacto que sofreu ao ler sua obra – notadamente suas visões sobre nacionalismo –, exercia rigoroso crítico das obras publicadas na primeira década do século passado. Tendo sido editor da *Revista Brasileira*, foi em torno dele que se fundou a Academia Brasileira de Letras (ABL). Sevcenko (1983) destaca que Veríssimo exerceu grande influência em Euclides da Cunha e Lima Barreto, formando o vértice de um triângulo entre os dois principais autores do início do século XX que, embora divergentes, possuíam em comum o desencanto com a República brasileira em seus primeiros anos. O pessimismo e o ceticismo em suas obras seria em grande parte influenciado pelas ideias do crítico.

E se Rodó não leu Veríssimo, este o leu e, provavelmente, foi um dos primeiros (talvez o primeiro) a falar do autor no Brasil. Trata-se da recepção inicial à obra do autor no Brasil. Em 18 de dezembro de 1900, ano do lançamento de *Ariel*, Veríssimo publica no *Jornal do Commercio* – o principal da época – uma crítica da obra, demonstrando a atualidade de sua militância. Não à toa João Alexandre Barbosa a escolheu para abrir a coletânea em que reúne textos sobre autores hispano-americanos feitas por Veríssimo. Intitulado *A regeneração da América Latina*, o artigo tem algo mais de crítica. Inspirado no texto, Veríssimo parece desguarnecer-se. A certo momento pede licença ao leitor:

Perdoam-me uma manifestação personalíssima? Tenho a fraternidade latino-americana, sinto-a intimamente; nunca, desde rapaz, participei do preconceito da minha gente, herdado do português e desenvolvido pelas nossas lutas no Rio da Prata, contra os povos espanhóis da América. Amo-os a todos e me revoltam as manifestações hostis a quaisquer deles (...). (VERÍSSIMO, 1986, p. 20)

Ao tom de confissão pessoal, no entanto, imediatamente contrapõe seu pessimismo. Rapidamente desfaz algo de sentimental. O crítico diz não acreditar que esses países possam sair em pouco tempo da “miséria econômica, social e moral” (idem). Chega a ser fatalista: “(...) esses povos não terão futuro próprio. Outros lho farão”. Mesmo assim, seu texto se organiza na chave da ambiguidade, e a esperança ainda não foi de todo abandonada. Na primeira parte, quando destaca, e lamenta, a existência de um movimento de opinião nos países da América hispânica bem mais significativo que no Brasil (livros como o de Rodó e do argentino Rodríguez del Busto, *Perigos americanos*, que comenta no mesmo espaço, seriam bons exemplos), é como se revelasse aquilo que move sua incansável atividade na imprensa: a formação de uma opinião pública no Brasil.

A figura do *roto*, expressão de desprezo que toma de empréstimo às oligarquias chilenas, é utilizada por Veríssimo no texto para definir o “imenso fundo das populações latino-americanas, em toda parte na maioria analfabetos, miseráveis, (...) que o digam os índios e mestiços dos afluentes do Alto Amazonas, e os do Peru, da Bolívia, se não também os do Ecuador, da Colômbia, da Venezuela, [*populações*] de fato escravas, ou a igual tratadas”. Diante do *roto*, Veríssimo se pergunta: como é possível haver na América Latina algo que se aproxime da ideia de “opinião pública”? Embora cético, o crítico contrapõe a esse fundo miserável a figura do “intelectual” como possibilidade de “regeneração”.

Quando, pois, me refiro a uma corrente ou movimento de opinião existente na América espanhola a respeito de questões de nacionalidade e raça, e apontando a uma expansão mais progressiva, mais forte, mais nobre, de uma civilização consciente latino-americana, não é senão a uma só classe, se assim posso dizer, das populações de estirpe ibérica, a dos intelectuais que tenho em mente. (p.18)

Ao destacar sua preocupação com “questões de nacionalidade e raça”, Veríssimo busca discutir nesse contexto a assimetria de poderes na América Latina em relação aos EUA. Diz ele por intermédio do ponto de vista de Bustos sobre o país (ao qual não faz restrições) que haveria no Brasil simpatia em relação à presença norte-americana. “(...) como em nenhum outro povo da América Latina, há o que um vigoroso publicista nosso

chamou tão apropriadamente de ‘ilusão americana’. Já imaginamos até levantar uma estátua Monroe! Essa ilusão trabalham por desfazê-la os intelectuais ibero-americanos” (p. 25). Veríssimo, no entanto, diferentemente de Bustos, não considera factível a possibilidade de invasão norte-americana. E ao fazer referência à ideia de “ilusão americana” referia-se às teses de Eduardo Prado, que via como impossível (ilusória) a aliança do Brasil com os países hispano-americanos contra os EUA.

Barbosa, porém, dá ênfase à posição não iludida de Veríssimo, cujas análises seriam marcadas por um realismo que, “por outro lado, afasta-o da posição conservadora que tanto deve à ironia de Ernest Renan, de José Enrique Rodó” (p. 11). Mas Veríssimo e Prado encontrariam-se no mesmo grupo de intelectuais de sua geração, críticos da política expansionista norte-americana, em que se incluem ainda Oliveira Lima e Manuel Bonfim. De outro lado, entre aqueles que Gerab (2000) define como “defensores ardorosos do pan-americanismo”, estariam Joaquim Nabuco, Artur Orlando, Euclides da Cunha, Araripe Jr.

Em muitos de seus artigos, Veríssimo busca desculpar-se de início do seu pouco conhecimento das culturas e sobretudo dos autores hispano-americanos. No entanto, Barbosa diz que chama a atenção o seu conhecimento sobre a cultura da região. Diante dessa massa de informação, observa Barbosa que esses textos problematizam o que chama de *fable convenue* de que o “intelectual brasileiro não conhece ou despreza a produção de seus vizinhos hispano-americanos” (p. 10).

No artigos estritamente políticos que também escreve, o México é uma de suas grandes preocupações, especialmente a partir da queda do regime ditatorial de Porfírio Díaz. No entanto, se considera o livro do uruguaio Rodó, desde seu lançamento, um marco da literatura latino-americana, é sobretudo para os autores e para a cultura da Argentina que o crítico volta sua atenção. Tal informação não chegou a ser levantada por Barbosa, e agora está sendo observada devido à construção de um mapa da crítica de Veríssimo. Como parte do esforço inicial desse projeto, verificou-se que a cultura argentina, sua vida editorial e seus escritores são àqueles aos quais o crítico brasileiro mais atenção dá em seus escritos.

Veríssimo destaca o crescimento da economia argentina e dá grande ênfase ao desenvolvimento do mercado editorial no país. Informado sobre os autores brasileiros publicados na coleção da Biblioteca do jornal *La Nación* (como Taunay, Graça Aranha, Machado de Assis, “todos muito bem traduzidos pelo insigne escritor argentino sr. Roberto Payró”, p. 92), o crítico analisa autores argentinos diversos, literários e sociológicos. Faz restrições a Garcia Mérou, autor de livro clássico publicado na Argentina sobre os intelectuais brasileiros, ao observar que suas análises são marcadas por um “ingênuo entusiasmo” (p. 86).

Na história das relações culturais entre Brasil e Argentina, no entanto, predomina a ideia de um desconhecimento mútuo. O círculo de intercâmbios culturais evidenciado pelo trabalho de Veríssimo na imprensa será de certa forma apagado da historiografia. Sorá (2003) busca contar a história desse desconhecimento mútuo ao pesquisar a publicação de brasileiros em Buenos Aires. Em sua pesquisa, descobre que as traduções de autores brasileiros no país costumavam acontecer até antes da Europa e em número praticamente equivalente, embora a circulação da literatura brasileira na Argentina costume ser invisível aos brasileiros. O circuito informativo evocado pelo trabalho de Veríssimo, entretanto, não chega a fazer parte de seu levantamento⁵.

Foi essa invisibilidade que Barbosa chamou de *fable convenue*. Abaixo, alguns dos autores analisados e/ou citados por Veríssimo em seus textos, em comparação com os autores de outros países da região:

⁵ Citando o que chama de “fator Broca”, lembra que Brito Broca escreveu em *Vida literária no Brasil* (1956) que nenhum autor brasileiro teria sido publicado no período da chamada *belle époque* na Argentina. Sorá inclusive faz menção aos importantes livros da Biblioteca do *La Nación* que apresentou autores brasileiros aos argentinos, e diz que nenhum brasileiro estava informado a respeito, ao longo do século XX. Ora, Veríssimo demonstra conhecimento dessas publicações, mas o trabalho do crítico não é utilizado como referência em sua pesquisa. Por outro lado, Sorá chama de “fator Mérou” o desconhecimento mútuo que haveria na Argentina sobre o Brasil. Mérou inicia seu livro apontando o pouco conhecimento em seu país da cultura brasileira e de seus autores.

25 autores argentinos: Esteban Echeverría (1805-1851), Juan Bautista Alberdi (1810-1884), Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), Bartolomeu Mitre (1821-1906), Carlos Calvo (1824-1906), Mariano Pelliza (1832-1902), Paul Groussac (1848-1929), Antonio Rodríguez del Busto (1848-1928), Miguel Cané (1851-1905), Florentino Ameghino (1854-1911), Estanilao Zeballos (1854-1923), Martiniano Leguizamón (1858-1935), Luis María Drago (1859-1921), Cesar Duayen, pseudônimo de Emma de la Barra (1861-1947), Martín García Mérou (1862-1905), Roberto Payró (1867-1928), Leopoldo Lugones (1874-1938), Manuel Ugarte (1875-1951), José Ingenieros (1877-1925), Carlos Octavio Bunge (1875-1918), Héctor C. Quesadas (1875-1954), Enrique Larreta (1875-1961), Martín Aldao (1875-1961), Ricardo Rojas (1882-1957), Manuel Galvez (1882-1962);

Uruguai: Carlos Reyles (1868-1938), José Enrique Rodó (1871-1917), Abel J. Perez;

Venezuela: Ángel Carnevali Monreal (1857-1927), César Zumeta (1860-1955), Carlos A. Villanueva (1865-1925), Rufino Blanco Fombona (1874-1944), Ángel Oscar Rivas;

México: Federico Gamboa (1864-1939);

Nicarágua: Ruben Darío (1867-1916);

Paraguai: Cecílio Baez (1862-1941).

Desencanto

Se na crítica a *Ariel*, de 1900, encontrava-se alguma marca de otimismo, apesar das muitas ressalvas e do pessimismo, o tom dez anos depois será de severo pessimismo. Novamente, é a Argentina que lhe serve de antena para formular suas ideias. Veríssimo condena a “ vaidadezinha muito nossa”, pela qual os brasileiros se veem como “a primeira civilização intelectual da América Latina e, nomeadamente, a mais rica e formosa literatura desta porção da América” (p. 103). Segundo Veríssimo, tal certeza se baseia na ignorância já que os brasileiros em geral desconhecem o que se produz nos países vizinhos.

No entanto, da mesma forma, critica ele certa arrogância de ideias semelhantes nos mesmos vizinhos. Em suas análises literárias dos países vizinhos, Veríssimo busca encontrar traços que caracterizem as respectivas sociedades. A literatura, assim, é vista relacionada à vertente realista – e é portanto desse modo que ele rejeita as experiências da linguagem simbolista. No artigo *Um estado da alma argentina* (p. 112), destaca que

não tem como objetivo discutir, “mas noticiar um estado interessantíssimo da alma hispano-americana, visto nos seus mais altos representantes intelectuais: idealismo, nacionalismo, emulação dos Estados Unidos, reação hispanófila”.

O modernismo integra tal movimento de ideias e Veríssimo observa que “a obra séria, meditada, geralmente nos melhores centros europeus, dos Villanuevas, dos Fomblonas, dos Calderons, dos Rodós, dos Ingenieros, dos Herreras, dos Ugartes, aponta toda, ainda quando eivada de criticismo e pessimismo, à exaltação das pátrias hispano-americanas” (p. 113). Parece bem longe seu momento de encantamento com a obra de Rodó. Em nenhum outro país da região esse estado de exaltação, porém, seria tão acentuado quanto na Argentina.

Reitera que o país “não esconde o [desejo] de ter breve a hegemonia da América do Sul” (p. 115). Cita José Ingenieros para observar que o Brasil é excluído desse protagonismo almejado: “É um dos seus argumentos que só povos brancos são capazes de alta civilização e organização que lhes assegure o predomínio estável. Não sendo nós povo branco, não nos é, sequer, lícito pretender a hegemonia da América do Sul que eles se reservam” (idem). O expediente da ironia, quase sarcasmo, se faz presente:

Esse orgulho do seu país, da sua nacionalidade, de si mesmos, refletem-se hoje em todas as manifestações da vida argentina, inclusive nas suas relações internacionais. Esse orgulho é uma força e uma grande força, por menos legítimo que queira parecer a nós. Mas não é ilegítimo, se bem seja por vezes descomedido nas suas manifestações. Mas o comedimento, a medida, a elegância, não são qualidades da raça.

Nem mesmo Victor Hugo, escreveu Veríssimo, “celebrou o seu país com mais arroubadas palavras” como o fazem os argentinos. Os brasileiros, acredita, não deveriam ficar alheios a esses movimentos de ideias dos vizinhos afirma ele no texto, datado de 16 de maio de 1914, publicado no jornal *O Imparcial*, ou seja, dois anos antes de sua morte. Em 1912, Rubén Darío, em visita à Academia Brasileira de Letras, ouviu de Veríssimo um lamento de que

filhos do mesmo continente, quase da mesma terra, oriundos de povos em suma da mesma raça ou pelo menos da mesma formação cultural, com grandes

interesses comuns, vivemos nós, latino-americanos, pouco mais que alheios e indiferentes uns aos outros, e nos ignorando quase por completo. (in BETHELL, apud Ellison, 2009)

Referências

Baggio, Katia Gerab. *José Veríssimo: uma visão brasileira sobre as Américas*. São Paulo: Anais Eletrônicos do III Encontro da ANPHLAC, 1998.

_____. *Os intelectuais brasileiros e o pan-americanismo: A 'Revista Americana' (1909-1919)*. Salvador: Anais Eletrônicos do IV Encontro da ANPHLAC, 2000.

Barbosa, João Alexandre. *A tradição do impasse: Linguagem da crítica & crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo: Ática, 1974.

Bethell, Leslie. O Brasil e a ideia de "América Latina" em perspectiva histórica, in *Estudos Históricos*. Vol. 22, no 44. Rio de Janeiro Julho/Dezembro 2009.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1956.

Machado, Ubiratan. *História das livrarias cariocas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

Sorá, Gustavo. *Traducir el Brasil: Una antropología de la circulación internacional de ideas*. Prólogo de Afrânio Garcia. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.

Sussekind, Flora. Texto introdutório, in *A América Latina*, de Manuel Bonfim, *Intérpretes do Brasil*, vol. 1. Coordenação, seleção de livros e prefácio de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000.

Veríssimo, José. *Cultura, literatura e política na América Latina*. Seleção e apresentação de João Alexandre Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *A Educação Nacional (primeira edição de 1890) – 2ª edição* – Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1906.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão – Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República – 2ª edição* – São Paulo: Companhia das Letras, 2003 [1983].